

O culto, a pregação e a Bíblia

Worship, preaching and the Bible

La adoración, la predicación y la Biblia

Luiz Carlos Ramos

RESUMO

Para entender a relação estreita entre culto e Bíblia, é preciso conhecer as origens da pregação e da sua relação com a prática eucarística, que resultaram elementos essenciais no culto cristão, principalmente a partir da sua herança sinagagal. Assim, propomos uma busca pelo “berço” da pregação cristã, com a intenção de conhecermos sua “infância”, bem como identificarmos seus primeiros estágios de crescimento, que chamamos neste artigo, metaforicamente, de “adolescência” da pregação no culto cristão.

Palavras-chave: Culto; Bíblia; pregação; homilética; liturgia; eucaristia.

ABSTRACT

To understand the close relationship between worship and Bible, one must know the origins of the grating of his preaching and the practice of the Eucharist, which resulted essential elements in Christian worship, especially from the synagogue of his inheritance. Therefore, we propose a search for “cradle” of Christian preaching, with the intention of knowing his “childhood” as well as identifying the early stages of growth, we call this article, metaphorically, of “adolescence” of preaching in Christian worship.

Keywords: Worship; Bible; preaching; homiletics; liturgy; Eucharist.

RESUMEN

Para entender la estrecha relación entre el culto y la Biblia, hay que conocer los orígenes de la predicación en su relación con la práctica de la Eucaristía y que dio lugar a los elementos esenciales del culto cristiano, especialmente a partir de la herencia de la sinagoga. Por lo tanto, se propone la búsqueda de la “cuna” de la predicación cristiana, con la intención de conocer su “infancia”, así como la identificación de las primeras etapas de su crecimiento, a las cuales llamamos en este artículo, metafóricamente, de “adolescencia” de la predicación en el culto cristiano.

Palabras clave: Culto; Biblia; predicación; homilética; liturgia; eucaristía.

Introdução

Se há uma atividade que caracteriza a Igreja é o culto que ela presta a Deus. E os principais atos litúrgicos relacionam-se diretamente com as Escrituras Sagradas, a saber: a liturgia da Palavra, centralizada na leitura e explicação da Bíblia; e a liturgia da Mesa, que trata de pôr em prática o sacramento bíblico da partilha da Palavra (Verbo) que se faz carne.

No entanto, se considerarmos muitas das práticas litúrgicas contemporâneas, bem como os sermões pregados e as músicas que se entoam

nos cultos atuais, teremos muita dificuldade de estabelecer relações e de fazer aproximações com as páginas da Bíblia, tal o distanciamento que se verifica entre aqueles e esta.

É difícil imaginar Jesus promovendo show gospel, um showmissa ou uma campanha do tipo “7 chaves para abrir as portas da prosperidade”, ou realizando uma “tarde da libertação”, ou vendendo passagens para uma excursão à Terra Santa... De modo que tanto a forma de culto, como o conteúdo das prédicas, apresentam pouca ou nenhuma semelhança ou proximidade com o que ocorria nos tempos bíblicos.

Há três disciplinas que se ocupam diretamente do culto, na academia teológica: a Homilética, a Liturgia e a Hinologia (neste último caso, além da música, nós, aqui na FaTeo, procuramos incluir as outras grandes artes: literatura, coreografia, arquitetura, escultura, pintura e o cinema).

Nesta reflexão, tratarei especificamente de uma dessas disciplinas, a saber, a Homilética. Qual a origem dos sermões cristãos? Como eram preparados e apresentados? Que caminhos e encruzilhadas determinaram a origem da prática Homilética?

São estas algumas das perguntas motivadoras das considerações a seguir.

O berço da pregação cristã: a sinagoga

Os primeiros cristãos não se entendiam como integrantes de uma nova religião, mas como legítimos praticantes da verdadeira religião de Israel, e viam em Jesus a confirmação da fé que herdaram dos patriarcas de Israel. É natural supor, então, que sua prática litúrgica não se desenvolvesse sem vínculos com o já estabelecido.

Supõe-se que o costume da apresentação de sermões nas assembleias, tenha sido herança das sinagogas judaicas. Sendo costume haver sermões nas sinagogas, tornou-se igualmente comum haver sermões nas cerimônias cristãs. Leituras bíblicas eram feitas na sinagoga, e estas eram explicadas, interpretadas e aplicadas pelos rabinos à comunidade que para ali concorria. Prática semelhante se estabeleceu no cristianismo nascente.

Contudo, saber isso não é de muita ajuda no que diz respeito ao “como” efetivamente eram tais solenidades, muito menos as pregações. Conquanto haja quem defenda terem as sinagogas surgido durante o exílio babilônico (século 6º A.E.C.¹), os sinais mais antigos que se pode rastrear nos permitem retroceder apenas até o período helenístico. A própria palavra *synagogue* é grega. A outra palavra que designava a oração e o lugar de oração dos judeus, também é grega: *proseuche*. O primeiro registro desta palavra (*proseuche*), que é o mais antigo dos dois termos, data apenas do século 3º (A.E.C.).

¹ Antes da Era Comum, termo alternativo para a.C..

Até onde se sabe, a sinagoga (edificação) mais antiga, identificada até hoje, é uma que está na Ilha de Délos, construída no segundo século da Era Comum. Em Israel mesmo, a sinagoga mais antiga, a de Golan, em Gamala, já é contemporânea da era cristã. Depois dessa vem uma sinagoga nas imediações de Belém, que data de 60-70 D.E.C. De fato, foi no período da Diáspora, a partir do primeiro século da era cristã, que as sinagogas se tornaram de fato comuns.

Para complicar ainda mais nossa investigação sobre as origens litúrgico-homiléticas cristãs, o conhecimento que temos da liturgia sinagoga é precário. Sabemos que a cerimônia da manhã do *Sabbath* era dominada por leituras da *Torah* e dos *Haftarah* (Porções da literatura profética), uma homilia, o hino semanal, e as orações prefixadas. Mas não sabemos muito mais.

Praticamente nada se sabe sobre as origens do sermão da sinagoga, mas supõe-se que tenha começado por causa do *Targum*, uma tradução, mais suma paráfrase, extemporânea da *Torah* para o Aramaico em benefício daqueles frequentadores que já não compreendiam mais o Hebraico. Tal “tradução” era frequentemente embelezada com expansões *haggadic*s. A interpretação *haggadica* é mais livre, criativa, analógica, e homilética, envolvendo estórias (narrativas, contos, anedotas) e exemplos. O que pressupõe que fossem pregados antes da leitura das Escrituras Sagradas, propriamente dita... como uma preparação para esse momento (cf. EDWARDS, 2004).

Frequentemente, a criança é considerada no quadro mais vasto da problemática educativa com vistas à iniciação cristã (SODI & TRIACCA, 2010, p. 412-418). Mas, no meu entendimento, a origem do sermão se dá à semelhança do que acontecia com a celebração da Páscoa, na qual as crianças eram as protagonistas (CORDEIRO, 2003; RAMOS, 2010), dando início ao cerimonial com pergunta: “Que rito é este?”; ao que se seguia uma narrativa feita pelos anciãos recontando a história do Êxodo de modo que as crianças pudessem assimilá-la, a ponto de essa cultura ser comunicada às novas gerações. Em outras palavras, o sermão nasce para tornar as narrativas bíblicas acessíveis às novas gerações, que já não mais dominavam o Hebraico. Portanto, pode-se considerar como válida, a suposição que o sermão nasce por causa das crianças, isto é, das novas gerações que já não tinham o domínio do hebraico bíblico.

Conquanto milhares de registros de sermões sinagogais, dos quatro primeiros séculos da nossa era, tenham sido preservados, poucos deles parecem fidedignos à forma original na qual teriam sido oralmente apresentados. Praticamente todos sofreram interferência editorial e adaptações para a forma escrita. O mais antigo desses sermões difere em muito dos sermões cristãos. O gênero mais frequentemente empregado é aquele

designado *Proêmio*, que ganhou esse nome a partir do termo usado pelos retóricos gregos para se referir à introdução de um discurso.

Outro gênero frequente entre os sermões sinagógicos, este bem mais próximo do que se verifica entre cristãos, pelo menos na forma, é o designado *Tanchuma*, que parece ter sido criado para responder às questões a respeito da Lei judaica. Os elementos comumente incluídos nesse gênero são (cf. EDWARDS, 2004):

1. O sermão começa com uma proposição tomada do primeiro verso, ou de algumas palavras do primeiro verso da leitura do dia;
2. Uma palavra chave, ou palavras-chave, são explicadas e enfatizadas ao longo do sermão.
3. Outras palavras e frases se seguem com explicações sobre o todo da passagem lida;
4. Outros versos das Escrituras são citados a título de ilustração ou para o desenvolvimento de pontos corolários;
5. Ilustrações são retiradas da própria Escritura ou da vida contemporânea;
6. Se são usadas ilustrações escriturísticas, a estória bíblica é frequentemente recontada com acréscimos imaginativos ao texto;
7. Na conclusão, uma palavra ou palavras do versículo inicial são repetidas para indicar que o sermão está terminando;
8. Frequentemente, a principal ênfase do sermão é resumida na conclusão.

Como se nota, essa é a estrutura básica da maioria dos manuais de homilética ainda hoje utilizados nas academias teológicas.

A infância da pregação cristã: comunidades primitivas

Já se disse que, em certo sentido, tudo o que está escrito no Novo Testamento é proclamação (pregação). Mas isso não ajuda muito, porque afirmar isso equivale a dizer, então, que nada nele é proclamação, no sentido específico que nos interessa aqui, a saber: a prédica ou sermão.

De fato, há muito pouco no Novo Testamento que se possa enquadrar no que hoje é praticado e chamado de “sermão”. Não há registros completos de sermões tal como tenham sido oralmente pregados em um culto público, quer seja com intenção evangelística, ou catequética ou litúrgica.

Sequer os discursos de Jesus podem ser evocados nesse sentido. Em parte, porque o contexto de suas pregações não eram o de uma igreja cristã estabelecida, mas anterior a ela; e em parte porque, conquanto os evangelhos reproduzam várias falas atribuídas a Jesus, os estudiosos duvidam que qualquer delas reflita o conteúdo de algum discurso literal completo que tenha sido proferido em alguma ocasião específica. O material da fonte Q, presente em Mateus e em Lucas, compilados de modo

a dar a entender serem discursos contínuos de Jesus, se analisados cuidadosa e criteriosamente permitem ver que se trata, antes, de uma série de ditos esparsos reunidos, do que a transcrição de um pensamento linear e contínuo. Muito provavelmente, cada dito atribuído a Jesus seja um extrato destilado de um sermão inteiro. Mesmo no evangelho de João, há que se reconhecer que tais ditos de Jesus, ali registrados, são fortemente marcados pelo amadurecimento da reflexão do seu autor, a ponto de isso transparecer na redação, significativamente diferenciada da dos sinóticos.

É frustrante, mas temos que admitir que, não obstante, a pregação cristã ser devedora ao seu fundador, nenhum dos sermões de Jesus estão disponíveis, na íntegra, para nossos estudos (cf. EDWARDS, 2004, p. 5-6).

Tampouco temos mais sorte com a pregação dos apóstolos. Pois seus sermões, tal qual um dia proferidos, não foram preservados. Alguns relatos que temos no livro de Atos dos Apóstolos também não nos servem de consolo, pois os sermões de Pedro e Paulo, ali registrados, são, inquestionavelmente, editados (copidescados) por Lucas. Não são transcrições de sermões reais anotados enquanto estavam sendo proferidos, mas muito provavelmente, recuperações memoráveis e idealizados de sermões reais. Prova disso é que, praticamente, todos os discursos, ali transcritos, têm a mesma estrutura; e percebe-se como, magistralmente, pela habilidade literária de Lucas, sermões que provavelmente levaram muitos minutos, talvez horas, para serem proferidos, são sintetizados em poucos versos, que não tomam mais que três ou quatro minutos para serem lidos, em média (EDWARDS, p. 7-9).

Estudiosos advogam que algumas passagens, e até mesmo alguns livros inteiros do Novo Testamento, têm origem em pregações proferidas oralmente, e citam como exemplo a Primeira Epístola de Pedro a chamada Epístola aos Hebreus. Isso é perfeitamente admissível, mas é evidente que a forma final escrita deve diferir em muito de sua possível origem oral.

Mas isso não quer dizer que não possamos descobrir nada a respeito da pregação no Novo Testamento. Já foi indicado por especialistas que a literatura do Novo Testamento pode ser categorizada de duas formas: como fundamentalmente proclamação (*kerygma*) e exortação (*parênese*). O *kerygma* envolve tanto a pregação do Reino de Deus, por Jesus, como a mensagem da Igreja anunciando que Jesus é aquele por meio de quem Deus age decisivamente para a salvação da humanidade. Ao passo que a *parênese* seria a exortação que nasce a partir do *kerygma* e aponta para as implicações do evento de Cristo para a vida do mundo.

O *kerygma* podia se dar em qualquer lugar onde houvesse pessoas dispostas a ouvir a Boa-Nova do Evangelho: nas ruas, nas praças, nas

praias, nas montanhas. A *parênese*, por seu turno, era proferida preferencialmente no contexto celebrativo da congregação dos fiéis.

Note-se que não somente a pregação é uma herança sinagoga, como também a própria eucaristia, que, conquanto muitos pensem ser sua origem a celebração da Páscoa judaica, fortes indícios mostram ser ela derivada do *kiddush*, a refeição cerimonial servida na sinagoga após a recitação da bênção, ao final do serviço. Também era o nome que se dava a refeição feita por um rabino em companhia dos seus discípulos. Um distintivo notável, no caso da prática de Jesus é que, enquanto o *kiddush* rabínico era restrito aos iniciados (todos do sexo masculino), as refeições comunais presididas por Jesus eram abertas e inclusivas, mesmo para mulheres, crianças, gentios, pessoas de má fama etc. (MAXWELL, 1963, p. 19-21).

Sabe-se que os primeiros cristãos mantinham seu costume, como judeus, de frequentar a sinagoga, aos sábados, para ouvir a leitura da Lei, dos Profetas e dos Escritos (*Torá, Nebiím, Quetubim*); mas que, no domingo, se reuniam nas casas (cenáculos) para o “partir do pão” e celebrar a memória de Jesus. Celebravam, assim, a Palavra, no sábado, e a Ceia, no domingo. Porém, à medida que os cristãos começaram a ser expulsos das sinagogas, passaram a concentrar no domingo a celebração da Palavra e da Mesa.

Num primeiro momento, como salienta Nelson Kirst (1993a, p. 23-28), o sacramento eucarístico era feito no contexto de uma refeição normal e tinha a seguinte estrutura: O celebrante partia o pão e fazia uma oração de ação de graças, depois todos comiam a refeição comunal e, ao final, o celebrante voltava a chamar a atenção de todos para a partilha do vinho que era precedida de outra oração de ação de graças.

O culto cristão integra em uma única celebração a leitura e a explicação das Escrituras, próprias da liturgia da Sinagoga judaica, e o memorial eucarístico, do Cenáculo.

As primeiras pessoas a professar a fé cristã eram, principalmente, judias, e assim continuaram até que foram expulsas da Sinagoga. Até então, reuniam-se no sábado (*Shabah*), na Sinagoga para a liturgia da Palavra, e tornavam a reunir-se no domingo (*Dia do Senhor*) para a Liturgia do Cenáculo.

Quando as Sinagogas fecharam suas portas aos cristãos, estes passaram a concentrar a liturgia da Palavra, e a do Cenáculo, numa única celebração, desta vez no Dia do Senhor (*Kyriake hemera*).

Dos relatos bíblicos e históricos, mencionados até aqui, podemos estabelecer um padrão que dá o fundamento da liturgia cristã: a Celebração da Palavra e a Celebração da Mesa.

Quase todos os relatos têm em comum o fato de terem dois focos distintos e complementares: a leitura e explicação da Palavra, de um lado,

e a prática sacramental do memorial instituído por Jesus, a eucaristia, ou Santa Ceia, ou ainda a Ceia do Senhor, de outro. Pão e Palavra são, portanto, os pilares da liturgia.

Na organização do espaço celebrativo, esses pilares litúrgicos ficam evidentes pela disposição, no altar, da mesa da comunhão e do púlpito: lugares respectivos da comunhão e da proclamação; do sacramento e do Evangelho; da partilha e do anúncio; da fé e da prática; dos atos de piedade e das obras de misericórdia; enfim, do Pão e da Palavra.

Vejam os como essa prática se desenvolveu nos tempos que se seguiram aos das comunidades cristãs primitivas.

A adolescência da pregação cristã: o mundo greco-romano

Outra importante influência sofrida pela igreja nascente foi a tradição retórica da cultura clássica. De fato, mesmo mais tarde, por ocasião da Renascença, da Reforma e do período Romântico, os grandes pregadores tiveram formação e foram treinados como retóricos.

A grande síntese do pensamento grego a esse respeito fora feita por Aristóteles, a partir de sua observação dos discursos proferidos na corte judicial, na assembleia legislativa e nos eventos cerimoniais da sua época (quarto século A.E.C.). Cada ocasião/contexto exigia seu próprio *genes dicendi* (gênero discursivo). Aristóteles classificou assim cada um dos três gêneros por ele identificados: o judiciário, o legislativo e o epidictico.

Como nosso propósito é nos ater à relação desse ato litúrgico com a Bíblia, não nos cuidaremos neste espaço de maiores detalhes da retórica clássica.

Para entendermos a “evolução” do sermão, é imprescindível uma abordagem, ainda que rápida, do que aconteceu com alguns dos primeiros líderes cristãos, bem como dos chamados Padres da Igreja.

Desde os relatos de Justino, em meados do segundo século da Era comum, já se pode afirmar que o sermão era parte integrante do culto semanal. Não feito antes das leituras bíblicas, como em algumas sinagogas, como já vimos, mas após tais leituras: “Terminada a leitura, o Presidente, por meio de um discurso, instrui e exorta à imitação dessas coisas boas” (JUSTINO MARTIR. In: GOMES, 1979, p. 65-66). A julgar pelas expressões “instrui e exorta”, deduz-se, que se tratava de uma pregação tipo *parênese*.

O sermão cristão mais antigo, minimamente preservado, a que temos acesso é um atribuído a Clemente de Roma (2 *Epístola de Clemente aos Coríntios*). Há controvérsias sobre a autoria e sobre a datação da epístola, que não vem ao caso considerar neste espaço. Importa, sim, ter em mente que se trata de um sermão que, escrito, ocupa cerca de 10 páginas, o que equivale a dizer que teria levado, mais ou menos, 30 mi-

nutos para ser pregado oralmente. Trata-se de um discurso com 5 pontos argumentativos, com evidente mostras de que seu autor navegava bem nas águas da Retórica Clássica, com a diferença que os argumentos são desenvolvidos com frequente citação das Escrituras.

Melito Pascal, bispo de uma Igreja na Ásia Menor, no final do terceiro século, notabilizou-se como referencial para a história primitiva da liturgia e do calendário cristão. Sua homilia é notável pela maneira como introduz a retórica clássica na pregação cristã (emprego de figuras de linguagem tais como antíteses, símiles, rimas, aliteraões etc.), ao mesmo tempo em que evidencia o débito da Igreja para com a celebração da Páscoa judaica, e pela maneira como ele antecipa futuras formas litúrgicas.

Também de meados do século 3º nos chegam várias homilias latinas atribuídas a Cipriano e a Hipólito. No entanto, o desenvolvimento homilético mais importante vem do Egito Greco falante, particularmente de Alexandria. É de Clemente de Alexandria o sermão mais antigo dessa escola: trata-se de uma exposição, verso após verso, de Marcos 10.17-31. Aí temos, em germen, a Homilia, entendida como gênero discursivo. E vale a pena nos determos neste aspecto da constituição da Homilética cristã.

Em que pese a contribuição de Clemente, no entanto, é Orígenes, também conhecido como o primeiro teólogo sistemático, que consagrará esse gênero de sermão (homilia). Seu método de pregação determinou em grande parte a forma da pregação até a alta Idade Média. Seu método tem muito a ver com a sua história de vida.

A história de Orígenes seria parecida à de muitos retóricos do seu tempo, não tivesse havido uma reviravolta em sua vida. Por volta dos seus 17 anos, perde o pai, e por uma série de circunstâncias, acaba interrompendo seus estudos seculares. Quando retoma os estudos, não começa o treinamento em retórica, como seria o procedimento padrão da época, mas dedica-se aos estudos da Filosofia. Desta forma, por não fazer parte da sua formação, não reproduz as práticas retóricas da época.

Conquanto devotado estudioso da Bíblia, não começa a pregar antes dos 50 anos. Quando começa a fazê-lo, seus sermões se constituem, de fato, numa releitura do texto bíblico recheada com comentários. Seus sermões, na maioria, não tinham um padrão lógico ou retórico, mas consistiam simplesmente, em explicações do texto verso por verso, ou frase por frase. Assim, seu modelo não era o dos retóricos, mas o dos gramáticos. Seu propósito não era outro, dizia, que explicar o texto bíblico.

Quanto à interpretação das Escrituras, em certas passagens, o faz de maneira simplesmente literal; em outras, no entanto, nas quais a literalidade parece ambígua ou contraditória com o escopo geral das Escrituras, tal interpretação passa a ser alegórica. Ele chamava seu método de *moral* e *místico*, ou de *letra* e *espírito*. O sentido moral buscava um sentido da

passagem para a alma; e o sentido místico relacionaria o significado da passagem em relação a Cristo e à Igreja.

Há uma corrente de homiletas que enfatiza, hoje, a volta à homilia como metodologia privilegiada, mas a rebatizaram de “pregação expositiva”.

Outras variáveis surgirão ao longo da Idade Média, no Período da Reforma Protestante, no Pós-Reforma, no tempo dos Avivamentos e das Missões, bem como nos tempos modernos e pós-modernos, mas abordar todas essas nuances demandaria um espaço de que não dispomos neste ensaio. Assim, teremos que deixar para outra ocasião uma análise de estágios mais maduros da relação entre Bíblia e culto.

Conclusão

Façamos uma breve síntese das principais constatações a partir do que foi abordado até aqui:

Não temos como saber como eram efetivamente as pregações na sinagoga, nem entre os primeiros cristãos. Mas podemos afirmar com segurança que a Bíblia (leitura e a pregação da Palavra) e Culto (principalmente a Eucaristia) são elementos indissociáveis da liturgia cristã.

Contudo, não seria improvável, nem forçado, afirmar que a pregação, assim como a liturgia, surge, em grande parte, em função das crianças, como explicação, em linguagem acessível e criativa, das Escrituras, de modo que a cultura, a fé e a espiritualidade ancestral fossem transmitidas às novas gerações. E este é, no meu entender, um aspecto menosprezado e ignorado, não obstante entre os mais importantes da nossa história.

O contato com a cultura helênica trouxe para a pregação a contribuição da retórica, que ajudou na aproximação entre a fé e a razão, a teologia e a ciência, e que resultou naquilo que posteriormente haveria de se chamar Teologia Sistemática.

Por outro lado, o surgimento da homilia, como gênero discursivo distinto da retórica clássica, possibilitou uma valorização da Bíblia na pregação, na medida em que centra a prédica na explicação da Escritura Sagrada, mais no que na sistematização temática.

Referências bibliográficas

- CORDEIRO, J. de Leão (Org.). *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos patrísticos e canônicos do Primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- EDWARDS, O. C. *A history of preaching*. Nashville: Abingdon Press, 2004.
- GOMES, C. F. *Antologia do Santos Padres*. 4. ed. revisada. São Paulo: Paulinas, 1979.
- KIRST, N. *Nossa Liturgia: das origens até hoje*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. (Série Colmeia).

_____. *A Liturgia toda: Parte por parte*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. (Série Colmeia).

MAXWELL, W. D. *El culto Cristiano: su evolución y sus formas*. Buenos Aires: Methopress, 1963.

RAMOS, L. C. *Em espírito e em verdade: curso prático de liturgia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

_____. *Todo ser que respira: a missão da música na igreja*. São Bernardo do Campo: Editeo/São Paulo: Conec, 2010.

SODI, M. & TRIACCA, A. M. (Org.). *Dicionário de homilética*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2010.